

OUTRO L H A R

Jornal - Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV) • Ano 15 - Edição N°56 • NOVEMBRO/DEZEMBRO de 2018

DESCASO PÚBLICO RESULTA EM INCÊNDIO



Foto: reprodução wikipedia

Museu Nacional, assim como outras instituições, carece de tecnologia para preservar conhecimento histórico. **Caderno especial**

VOCÊ TAMBÉM PODE SER UM YOUTUBER

Entenda como produtores de conteúdo famosos administram o seu trabalho sem precisar apelar para a criação de vídeos virais, buscando manter a originalidade. **Página 5**

O MOVIMENTO ESPORTIVO NAS UNIVERSIDADES

Saiba o que é uma Atlético Universitária. O que ela faz e como pode mudar a vida dos estudantes. Entenda a importância desse movimento na construção da vida acadêmica dos universitários. **Página 9**

AMBIENTE CRIATIVO INCENTIVA APRENDIZADO



Foto: Leonardo Lopes

Veja como uma escola pode transformar suas dependências em ambiente criativo e aumentar o aprendizado. **Página 3**

TERROR E ASSOMBRAÇÃO - AS LENDAS DE VIÇOSA



As melhores histórias da cidade estão guardadas na mente das pessoas. Lendas urbanas são um 'prato cheio' de muito terror. **Caderno especial**

JOGOS ESCOLARES AGITAM ALUNOS E PROFESSORES



Foto: Jessica Silva

Veja como a competição estimula a prática esportiva em colégios públicos e particulares de Viçosa. **Página 8**



A FALTA DE SENTIDO DA INTOLERÂNCIA

Não é de hoje que a intolerância vem assombrando o cotidiano. Na história, temos os casos mais sombrios e complicados que muitas vezes não terminaram bem. A discordância exagerada, sem limites e cheia de desrespeito marca a verdadeira face de muitos, que ainda não satisfeitos com um mundo caótico, necessitam causar ainda mais impacto com suas crenças e “certezas”. Marcada pela polarização, a intolerância une dois lados opostos por um mesmo motivo: a ideia de que a minha palavra é mais forte que a sua.

O fato de ver esse comportamento cada vez mais presente nos dias atuais não o caracteriza como certo ou gerador de sentidos, só prova para nós mesmos que o mundo anda sem empatia, entendimento e segurança. Racial, sexual, de crenças ou fé, a intolerância não anda ao lado de pessoas boas ou ruins. Ela está presa em uma complexa teia social construída em bases patriarcais e de má compreensão.

Do que adianta olhar para o outro se não vejo a mim mesmo? Se meu reflexo não representa para mim a diferença entre 7 bilhões de pessoas? O problema é, falar demais causa conflito, na maioria das vezes por uma vírgula fora do lugar ou um ponto, que não poderia finalizar aquela frase. Silencie, reflita, pense além. A acusação para o outro nunca foi melhor a forma de provar o que se acredita, também nunca foi a prova de todo o saber. Afinal, a intolerância não nos trouxe prêmios, ao contrário, nos colocou numa guerra infinita de achismos cheios de não-saberes.

João Pedro Mageste

DEIXEM O CORPORATIVISMO DE LADO

O debate abordando dos comentários esportivos nos últimos anos tem sido algo intenso e divide opiniões ao longo do país. O Brasil foi a nação que mais enviou profissionais da comunicação esportiva para a Copa do Mundo na Rússia em 2018. A discussão se ex-jogadores de futebol podem ser comentaristas esportivos ou não, acaba por vezes sendo uma briga de corporativistas, que não enxergam o público e os consumidores da informação.

O jornalista esportivo geralmente é um apaixonado por esporte, no caso, futebol. Logo, pode saber todas as teorias e parte informacional do futebol. Apesar disso, se uma transmissão conta só com jornalistas esportivos, ela fica incompleta. Falta uma parte. Falta a experiência de campo.

Assim como o jornalista não é completo, o ex-jogador comentarista também não é. Com muita experiência do que se passa em campo, e principalmente nos bastidores, os ex-jogadores dão uma visão diferente na transmissão, e se mostram necessários em uma transmissão esportiva. A transmissão esportiva perfeita, é aquela que não falta informação, e principalmente a que não falta diferentes visões de jogo. Logo, é fundamental que jornalistas esportivos e ex-jogadores deixem o corporativismo de lado, e busquem dialogar a fim de construir a melhor transmissão possível.

Emanuel Vargas

RELIGIOSIDADE COMO DEMARCADOR SOCIAL E RACIAL

A manutenção da religiosidades afro-brasileiras no Brasil foi um processo que exigiu resistência pelo não etnocídio. Esse entrave é um processo está ligado não apenas ao espectro religioso, mas caminha lado a lado com raça, classe, insubmissão e valores históricos e político-culturais.

As Nações Unidas no Brasil, mapeou, em 2015, casos de intolerância às religiões de matrizes africanas e aponta essa violência cultural como fruto do passado colonial, que vão desde brigas entre vizinhos à calúnias e racismo. Essa dinamicidade encontra respaldo no proselitismo rijo do “cristianismo de conversão” de 1500 que ainda hoje é muito latente.

Religiões afro-brasileiras – Formação e dinâmica de Vagner Gonçalves da Silva, é um artigo que aponta o processo de fomentação das tradições religiosas desde o colonialismo e as heranças nesse pós-entrave.

A dicotomia existente entre as religiões de matriz africana (umbanda, candomblé, xangô, tambor de mina, jurema etc) e as de matriz europeia – principalmente protestantismo e kardecismo –, não se constitui de forma equiparável quanto a classe social e racial se observarmos o microcosmo identitário dessas religiões. A demonização de todas vertentes religiosas só podem ser desconstruídas por meio da construção da criticidade e entendimento que a divisão social e racial existente nelas são sustentados por nossos ideários preconceituosos. É preciso alteridade.

Yuri Tomaz

JORNALISMO E SOCIEDADE

A desconfiança sobre o jornalismo praticado no Brasil é crescente. Levando em conta o amontoado de notícias falsas veiculadas, as escolhas (um tanto duvidosas) da mídia tradicional sobre o que publicar, omitindo o que convém e a falta de compromisso com a sociedade nós, como cidadãos nos sentimos ameaçados. No que diz respeito ao bem comum, os veículos de comunicação têm falhado de forma imprudente, gerando especulações sobre a qualidade dos jornalistas atuantes.

Em 2009, por nove votos a um o Supremo Tribunal Federal decidiu que o diploma de Jornalismo não é necessário para o exercício da profissão, desrespeitando imensamente os profissionais sérios. Tal decisão abriu espaço para práticas problemáticas, tendo influência direta na atual situação de veiculação de notícias falsas e não verificadas.

A argumentação de Gilmar Mendes, relator da ação, foi lamentável. Em sua fala, Mendes rebaixa o exercício do Jornalismo, entregando assim o rebanho para os lobos. Nessa linha de raciocínio, não seria necessário um diploma para ser advogado, por exemplo, podendo o cidadão tomar conta da sua própria defesa atuando como um rábula nos tribunais.

Sendo considerado por alguns como o quarto poder e por outros como contra-poder, é inegável a importância do bom Jornalismo para a ordem social. E a formação compatível com o exercício da profissão é um meio bastante eficaz para construir na comunicação maior comprometimento com a sociedade civil.

Suellen Gonçalves

AO LEITOR

*Sempre atentos aos gostos, anseios e tendências do público-alvo do jornal *Outrolhar*, os alunos do Ensino Médio, os acadêmicos do Curso de Jornalismo da UFV pautam e procuram desenvolver e retratar assuntos do interesse do leitor.*

Em uma época na qual as mensagens de celulares, computadores ou até mesmo da TV se tornam “mais importantes” do que o tradicional noticiário impresso, pensamos ser relevante chamar a atenção para o fato de que o “velho” e tradicional jornal impresso continua por aqui marcando a sua presença, sendo muito útil e trazendo aos seus adeptos e interessados informações relevantes e do interesse geral.

Fechamos, com esta edição, mais um semestre de atividades laboratoriais impressas, nas quais os nossos estudantes procuraram como sempre desempenhar funções e tarefas semelhantes as praticadas nas redações dos grandes jornais do país. Afinal, o curso de Jornalismo deve oferecer práticas muito além das teorias ministradas no decorrer do curso para que os futuros jornalistas se ambientem com a área em que irão atuar. Aqui eles são estimulados a ousar, experimentar, discutir, pesquisar ou propor com vistas as edições do jornal.

*Esperamos que esta e as demais edições do *Outrolhar*, produzidas neste segundo semestre de 2018, possam ter sido do real agrado, interesse e utilidade para você leitor. Que as abordagens feitas nas matérias aqui publicadas possam ter trazido informações que, de alguma forma, tenham contribuído para melhorar o seu conhecimento e as suas opiniões e visões sobre o mundo.*

*Dentro em breve, uma nova turma da UFV estará assumindo os trabalhos e a Redação do *Outrolhar*, sempre tendo como objetivo principal o de melhor atender e servir o nosso leitor.*

Obrigado

Joaquim Lannes
Editor



PROFESSOR EDITOR
Prof.º Joaquim Sucena Lannes
MT.13.173 (RS)
MONITOR
Gustavo Sobrinho
REVISÃO FINAL
Luana Palhares e Antônio Vieira
PROJETO, DIAGRAMAÇÃO E ARTE GRÁFICA
Renoir Oliveira, Jessica Silva, Vinicius Zagoto, Marcelo Zinato, Ana Medeiros, Carla Luz, Hugo Virgínio,

REPORTERES:

Renoir Oliveira, Jessica Silva, Vinicius Zagoto, Marcelo Zinato, Ana Medeiros, Carla Luz, Hugo Virgínio, Paloma Albuquerque e Francielle Barros, Karina Fialho, Jaqueline de Holanda, Leonardo Lopes, Thais Brunelli, Suellen Gonçalves, João Figueiredo, Maíra Ferrari, Hermionne Fade, Beatriz Valente, Gabriel Máximo, Thiago Fernandes, André Gomes, Marina Gouveia, Luiz Augusto, Renan Estanislau, Brenda Scota, João Alves, Bruno Figueiredo, Leticia Passos, Anna Alvarenga, Matheus Aguiar, Yuri Tomaz, Emanuel Vargas, Bárbara Pinheiro, Melina Matos, Renata Duarte, Caroline Campos, Victoria Barel e Alexandre de Souza.

Paloma Albuquerque e Francielle Barros.
REITORA
Prof.ª Nilda de Fátima Ferreira
CHEFE DO DCM
Prof.ª Mariana Bretas
COORDENADORA DO CURSO DE JORNALISMO
Prof.º Henrique Mazetti
REDAÇÃO:
Prédio Prof. Fábio Ribeiro Gomes 2ª andar
Campus Universitário. CEP 36570-900

Viçosa - MG. Tel: 3899-4502
www.com.ufv.br

Tiragem desta edição: 1 mil exemplares.

Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da Instituição ou do Curso, sendo da responsabilidade dos seus autores e fontes. Cópias são autorizadas, desde que o conteúdo não seja editado e que sejam citados o veículo, os autores e o Curso da UFV.

CAUSA E VIOLÊNCIA INDÍGENA SÃO INVISIBILIZADAS PELA UFV

Yuri Tomaz

Herança de uma historicidade envolta por um processo etnocêntrico e sangrento, as marcas que a sociedade brasileira carrega são chagas abertas pelo epistemicídio étnico fruto da colonização. A violência física, cultural/simbólica e estrutural ainda é enfrentada pelos indígenas mesmo num contexto pluriétnico. Mas como se apresentam essas violências?

Indígenas e estudantes da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Nathanny Dias (*Suê Jane Puri*) e Willian Apoleano (*Ariapôu Aguerà Puri*) revelam que a maior violência enfrentada por eles dentro do campus é pautada pelo padrão fenotípico que, baseado numa identidade já fixada sobre o ser indígena, deslegitima suas originalidades:

– Nós Puris não temos um padrão definido, ou seja, temos várias nuances identitárias. E isso nos afeta quando dizemos que somos indígenas porque as pessoas já esperam que vamos nos declarar pardos ou negros – declara a estudante de Educação Infantil.

Essa violência cultural é verificada por processos que perpassam desde acusações baseadas na originalidade étnica para se avantajarem quantos as vagas na Instituição à necessidade da comprovação pela documentação da Fundação Nacional do Índio (Funai).



Indígenas ocupam reitoria da Universidade Federal de Viçosa após décima Troca de Saberes.

Numa perspectiva denunciante, Willian relatou ao *Outrolhar* o caráter duvidoso de sua etnia por parte de uma de suas professoras na Instituição. O estudante de Educação Infantil além de sofrer um processo de opressão pelos colegas que riram no ato, ouviu da docente “um discurso de descendência que é pejorativo”. E se polícia:

– Por que o neto do índio não é índio? É um preconceito das pessoas para ir apagando o histórico.

A estudante de Biologia e indígena Helena Joaquina Puri (*Zengoa Ariaacôn Puri*), diz que na UFV o Grupo de Estudantes Indígenas e Povos Originários (GEIPO), é um coletivo autônomo onde discutem

essas violências e se fortalecem enquanto resistência frente aos ataques, uma vez que a Instituição não tem órgãos de apoio às causas indígenas e os boletins de ocorrência na cidade são apenas estocados. Além disso, a inexistência de demarcações de terras indígenas em Viçosa alimenta o descaso das autoridades.

– A UFV não reconhece. Ela lida com as burocracias porque você comprova por causa de um órgão e logo ela é obrigada a acatar. Aqui não tem cota indígena a não ser pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo (Licena) que é um outro órgão desmembrado dos processos da instituição ou seja, somos deixados a 'escanteio' pela

Universidade – declara Helena.

Membros do GEIPO, os três estudantes acreditam que a representatividade no campo político, movimentos incorporados às políticas institucionais, descobertas de si mesmos e a alteração é o que fomentará uma melhor educação para diminuição das violências.



GEIPO na Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária.

Mesmo apoiando-se em órgãos como Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME), Organização dos Povos Indígenas Trabalhistas e nos estatutos que os conferem direitos, Nathanny, Willian e Helena deixam claro que a ressurgência, a resistência, a capacidade de autorganização, a união entre os movimentos sociais e a eleição da Deputada Federal indígena Joênia Wapichana, no ano de 2018 é o arco e flecha que dão força para a luta.

Os entrevistados que são da etnia Puri, dizem conhecer na UFV estudantes de outras etnias mas que os mesmos têm problema para se autodeclarar e/ou se reconhecerem como tal. Até o final dessa edição nenhum pesquisador do tema contatado pelo *Outrolhar* se manifestou interessado a contribuir com a reportagem.

ESTRUTURA DO TRÁFEGO AINDA AFETA POPULAÇÃO

André Gomes

O trânsito é uma questão presente hoje na maioria das cidades mundiais. Isso reflete, um dos grandes problemas da sociedade moderna, já que em muitos lugares a circulação motorizada não é mais sustentável, no ponto de vista social e ambiental. Em Viçosa não é diferente, a cidade está inserida nesse contexto, pois vem crescendo tanto em seu tamanho quanto na sua população.

Por esse motivo, a qualidade de vida é cada vez mais afetada, pelos longos congestionamentos e pela insegurança crescente no trânsito. Somado a isso, é visível o uso gradual do transporte individual e uma grande negligência com o transporte coletivo, o que piora a situação da circulação na cidade. O arquiteto e professor Ítalo Stephan do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV) reforça que a prioridade den-

tro da mobilidade urbana na cidade são os pedestres e os transportes coletivos. Ele ainda completa que a conexão entre as ruas deve ocorrer de modo a garantir boas condições de acessibilidade nas calçadas e reduzir conflitos dentro do trânsito.

Setores ligados ao trânsito da cidade enviaram em setembro deste ano à Câmara Legislativa o Plano de Mobilidade Urbana de Viçosa. O projeto conta com um planejamento para que a cidade cresça de maneira organizada e acessível. A arquiteta Thuany Araújo, do Instituto de Planejamento e Meio Ambiente do Município (IPLAM) ressalta que esse plano é uma forma de ampliar a cidade, pensando em sua mobilidade e, diante disso, o principal ponto crítico são as calçadas bem estreitas sem faixas elevadas, uma vez que a infraestrutura de Viçosa cresceu, mas não acompa-



Congestionada em horário de pico Avenida Castelo Branco complica a vida na cidade

nhou seu planejamento.

Todos esses fatores fazem parte do dia-a-dia dos cidadãos viçosenses bem como enfrentar vias precárias e escapar dos engarrafamentos. Conviver com esses conflitos

é a principal dificuldade da atendente de loja Mayra Xavier.

– Na minha opinião, o trânsito continua conturbado, no entanto melhorou quando se instalou alguns semáforos.

Em horários de pico, fica quase insuportável se locomover, quando chove também, isso aumenta a atenção e falta paciência. Algumas ruas não comportam tanto fluxo – explica Mayra.

Foto: Willian Apoleano

Foto: André Gomes

ESTUDANTES RECLAMAM DE ATRASOS NO TRANSPORTE ESCOLAR

Vinicius Zagoto



Ilustração: Vinicius Zagoto

Estudantes que dependem do transporte para chegar aos colégios, nos bairros de Viçosa (MG), têm reclamado dos horários que os

ônibus estão passando. Em entrevista com alunos da Escola Estadual Alice Loureiro, localizada no bairro Silvestre, e que atende também

comunidades do interior, as reclamações sobre as irregularidades são frequentes.

O estudante Kaleb Santos diz que por conta dos atrasos, acaba atrasando muito para chegar nas aulas:

- Eu já cheguei no segundo horário por conta das irregularidades dos coletivos. No período da manhã, a gente tem que pegar o transporte seis e meia. E quando dá por volta de dez pras sete, o ônibus ainda não passou. Às vezes chega às sete. Quando troca o motorista, cinco pras sete.

Segundo Kaleb, quando os ônibus atrasam, a Escola não permite a entrada dos alunos no segundo horário.

- Muitas das vezes a gen-

te acaba indo a pé, levando em conta as regras da Escola que não nos deixa entrar atrasado o primeiro horário, para não atrapalhar o fluxo da aula. A gente acaba entrando na hora seguinte. Então, se tiver uma prova ou algo do tipo, a gente tem que fazer depois, atrasando as matérias.

Consultada, daniele Guimarães, responsável pelo setor de transporte escolar da Secretária de Educação do Município, explica que a forma como é organizado o transporte da zona rural, faz com que, eventualmente, ocorram atrasos:

- O transporte rural não atende exclusivamente a Escola Alice Loureiro. Quando

ele vem da roça, deixa os alunos em algumas escolas municipais, como por exemplo, a Anita Chequer, a Escola do Novo Silvestre e deixa na Alice Loureiro. Como o transporte é da Zona Rural, se um aluno demora pra chegar no ponto, o motorista tem que ficar esperando.

Em relação ao transporte escolar urbano, Daniele disse que os alunos têm um cartão e que eles devem escolher o ônibus que passa mais cedo, para conseguirem chegar à Escola no tempo:

- Se o aluno pega o ônibus seis e meia e chega atrasado, é melhor que ele pegue o das seis para conseguir entrar pontualmente.

ESCOLA TRANSFORMA DEPENDÊNCIAS EM UM AMBIENTE CRIATIVO

Leonardo Lopes

Já começo com uma indagação: Você considera a sua escola um ambiente criativo, caro leitor? Você sabe quais as vantagens de se estudar em um ambiente assim? Ou até como transformar a sua escola num ambiente criativo? Não? Mas isso não tem segredo nenhum!

A diretora da Escola Vivica Rocha, situada na cidade de Ervália (MG), Maria Cristina Mattos Lopes nos conta como ela transformou uma escola que mais parecia um “colégio de freiras” do que de crianças, sem um ambiente colorido e totalmente propenso para que a criatividade fluísse. A diretora nos conta que a escola estava depredada e a atitude tomada foi pintar os muros, mas não simplesmente

deixá-los branco de novo: O muro se tornou uma tela na qual figuras inspiradas em capas de livros infantis coloriam o lugar. E tem mais! As crianças que estudavam por lá, segundo ela, participaram do processo, fazendo o preenchimento dos desenhos e dando cor a escola. Além da beleza do lugar, o sentimento de pertencimento aumenta, dando ainda mais gosto de permanecer no local e de cuidar do espaço.

Mas por que capas de livros? Ora, não é só o muro que torna o ambiente morada da criatividade. Fugindo dos métodos convencionais, a literatura é influenciada desde pequenos e de diferentes modos. Entre eles, o teatro apresentado por professores ou por alunos. Há também a

metodologia chamada “grande saia” (e quando falo grande, é grande mesmo!) que vira assento para a criançada que escuta histórias vindas de algum livro retirada dos bolsos da falada saia e é lida pela professora que a veste. Ambos são exemplos de formas criativas de trabalhar a literatura.

A criatividade também toma conta de outras áreas de ensino que você nem faz ideia, caro leitor. Já imaginou aprender matemática por causa de uma história contada pela professora? Talvez possa soar muito mais divertido resolver os problemas que aparecem perante a vida de um personagem carismático. E que resultados isso traz? Pessoas que antes tinham dificuldade têm um

incentivo maior para aprender. No Vivica, um aluno até mesmo tirou nota total nas Olimpíadas de Matemática, sinal que está dando certo, não é mesmo? E as notas lá subiram não só nisso, mas também no IDEB, que é o índice de desenvolvimento da educação básica. Depois de todo esse relato, você acredita quando falo das vantagens de um ambiente criativo?



Foto: Leonardo Lopes

NOVAS FORMAS E ESTÍMULOS PARA A LEITURA DE UM BOM LIVRO

Hermionne Fade

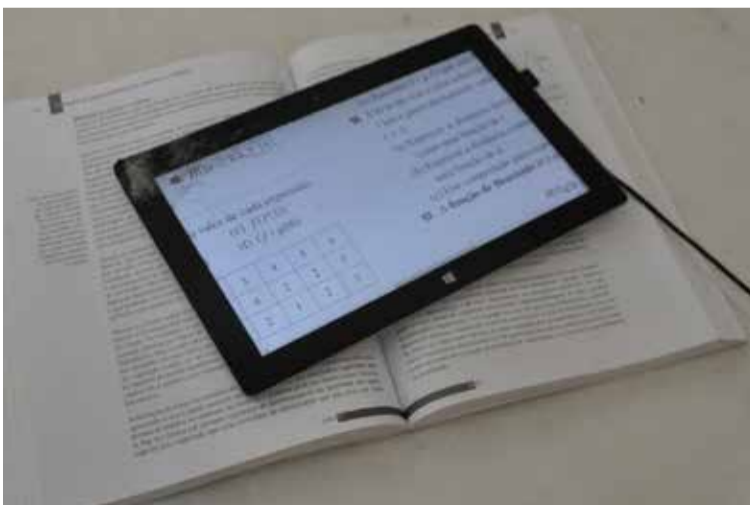


Foto: Hermionne Fade

A era digital trouxe novos dispositivos e meios de acesso a leitura

Para muitas pessoas, a leitura é uma forma de conhecer o mundo, viajar e visitar lugares antes desconhecidos. Ler é uma atividade essencial às pessoas, pois, além de auxiliar

no domínio do idioma, é uma excelente forma de adquirir os mais variados conhecimentos. No entanto, ler um livro é algo cada vez menos feito pelo brasileiro. Com a popularização da

internet, o conteúdo escrito se tornou mais acessível, permitindo que qualquer pessoa com um computador ou celular e uma conexão à rede mundial tenha acesso aos mais variados conteúdos escritos, aumentando assim o contato da população com a leitura.

Tal proximidade com conteúdos escritos de fácil compreensão e baixa relevância provocou um maior afastamento das pessoas dos livros convencionais. A área digital trouxe um infinito de facilidades. A internet nos aproximou do resto do mundo. Se até apaixonados pela leitura se vêm numa rotina bem diferente da rotina de dez,

quinze anos atrás, imagine quem já tinha dificuldade de se concentrar e pegar um livro antes da distração da internet sempre à mão.

Segundo Arielle Muniz estudante de Letras na UFV, o custo de livro e o peso de carregar um livro são os motivos pelos quais ela prefere ler online. Assim, mesmo na fila do banco, do hospital, ela consegue ler.

- Uns amam e adoram essa nova tecnologia, acham a cara da modernidade e não abrem mão de ler um bom livro clássico na versão digital. Mas também, gente, assim como eu, que não larga um bom livro impresso, com capa,

brincar com as páginas e entrar com tudo no mundo onde os leitores de plantão adoram: o mundo da imaginação, disse Pedro Ferreira estudante de Administração na UFV.

Existem pessoas que acreditam no desaparecimento dos livros na versão digital e pessoas que os preferem na versão impressa. Assim como o antigo hábito de tomar um bom café, com açúcar, não importa, é preciso saber lidar com o presente e com o passado, Saber ler e gostar do impresso ou do digital, é preciso ter essa cultura, essa dualidade, passando de geração a geração.

NEM SÓ DE VIRAL VIVE O YOUTUBER

Luiz Augusto Basílio

Já passou pela sua cabeça a ideia de ser um *youtuber*? Não seria nenhuma surpresa, pois hoje essa já é uma profissão reconhecida e admirada por várias pessoas. São milhares de canais publicando vídeos diariamente em todos os cantos do mundo, informação sendo produzida e distribuída vinte e quatro horas por dia. Porém, essa quantidade enorme de vídeos pode acabar sendo mais um problema do que um divertimento.

De maneira geral, as pessoas gastam muito tempo na internet, e parte delas assistindo vídeos no *YouTube*. Existem vídeos para todos os gostos, mas grande parte deles são os famosos “virais”, que são temas em alta na internet como desa-

fios, alguma música ou qualquer coisa que comece a se espalhar rapidamente pela comunidade. Para o *youtuber* pontenovense Caio Parreira, dono de um canal de mesmo nome com mais de 42 mil inscritos, é sempre importante estar de olho nas últimas novidades e é inevitável que conteúdos parecidos apareçam quando algo fica viral.

Já para o Bruno Bittencourt, dono do PlayHard, hoje com mais de 5 milhões de inscritos, é necessário tomar cuidado com temas virais, pois a longo prazo podem prejudicar o canal. O *youtuber* tenta produzir os seus próprios virais, com material original, e acha uma situação complicada quando outras pessoas tentam repro-

duzir o seu conteúdo ou usar sua imagem para conseguir sucesso com seu nome.

No fim das contas, os dois concordam que o destaque e o crescimen-

to dentro da plataforma estão associados ao trabalho duro, dedicação e à identificação do produtor com o seu conteúdo. Ambos aprenderam a conciliar a vida diária

com a vida de *youtuber* e criaram vínculos sinceros com seu público, não apenas reproduzindo alguma coisa já feita, mas colocando sua própria essência.



Caio Parreira o *Youtuber* pontenovense, dono do canal de mesmo nome.

Foto: Reprodução/Acervo pessoal

PARE UM POUCO, OUÇA TUDO, SEJA MÚSICA

Hugo Virgínio



Música pode ser uma atividade bem relaxante.

É impossível não ouvir música hoje em dia. Para todo o lado que for haverá alguma tocando, seja na rádio que está ligada no

carro, ou na de divulgação dos produtos do comércio. A relação que existe entre música e sociedade tem deixado de ser apenas algo

relacionado ao lazer desde que se percebeu como a mesma pode ser rentável economicamente. Mas começou a se ver como ela também é fundamental para o desenvolvimento identitário, principalmente dos jovens.

Como explica o professor do curso de Comunicação Social e Diretor da Diretoria de Comunicação Institucional (DCI) da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Rennan Mafra, a identidade pode ser entendida como um conjunto de elementos que unifica um determinado grupo e o torna diferente dos outros existentes. Deste modo, se vê que o

contexto musical é um formador de identidades, por, entre outros motivos, possuir uma enorme variedade de ideais, causas defendidas e estilos, que irão ser compartilhados por algumas pessoas.

Assim como nos casos de Verônica Macedo, graduanda do curso de Biologia, e Alexia Martins, formanda em Engenharia Química, a presença de influências musicais desde uma idade mais nova contribuiu para que participar deste ambiente e deixá-lo ser algo presente e essencial na vida delas fosse mais fácil.

Alexia, que canta no coral *Voix-là* e em sua dupla,

UnirVersos, conta que a construção de alguns pontos de sua personalidade e jeito de ser que possui hoje se deve, em grande parte, à música. Verônica, por sua vez, ressalta a importância que manter o universo sonoro sempre por perto tem em como ela acaba por se sentir.

Por mais diferentes que as experiências de cada uma tenha sido, ambas entram em consenso quando falam que a identidade que possuem hoje se deve às influências que os elementos identitários de todos os estilos que ouviram transmitiram para que elas pudessem filtrar o melhor para si.

NA DANÇA DOS ASTROS: ASTROLOGIA E OS JOVENS

Anna Alvarenga

É comum em uma roda de amigos você ouvir questionamentos do tipo: qual seu signo? ou qual o seu mapa astral?. Sabemos que a astrologia e sua influência no mundo é muito grande e crescente no meio dos jovens. Principalmente através da internet e os sites onde é possível a criação dos chamados mapas astrais.

Mas antes de dizer de onde vem o fascínio pelos astros, é preciso explicar o que é de fato a astrologia. Ela é uma pseudociência segundo a qual as posições relativas dos corpos celestes poderiam prover informações sobre a personalidade, as relações humanas, e outros assuntos relacionados às nossas vidas.

Desde antes do uso difundido da internet era

comum encontrar horóscopos diários e semanais em revistas e jornais. Quando esses meios de comunicação se tornaram digitais, os horóscopos ganharam força. E assim, a difusão da astrologia foi crescendo cada vez mais.

Entretanto, existem algumas pessoas que levam a crença nos astros muito a sério, a ponto de não se envolver romanti-

camente com alguém em detrimento do seu signo. Em uma pesquisa realizada na cidade de Viçosa (MG), com jovens entre 15 e 23 anos, foi comprovado que mais de 10% dos entrevistados consideram a astrologia importante em suas vidas, e 12,5% deles relataram já ter deixado de sair com alguém por conta do mapa astral da outra pessoa. Além disso,

16,7% dos jovens acham que acreditar fielmente na astrologia não é prejudicial.

Alguns deles relataram a importância de tudo isso, em suas vidas. Lucas (15) disse que em uma escala de 0 a 10, 8 é o número que indica o quanto a astrologia influencia suas decisões, já Rebertt (16) classificou como 9 a importância da mesma em sua vida.

PROFISSIONAIS SÃO OS ALIADOS DA SAÚDE MENTAL

Karina Fialho

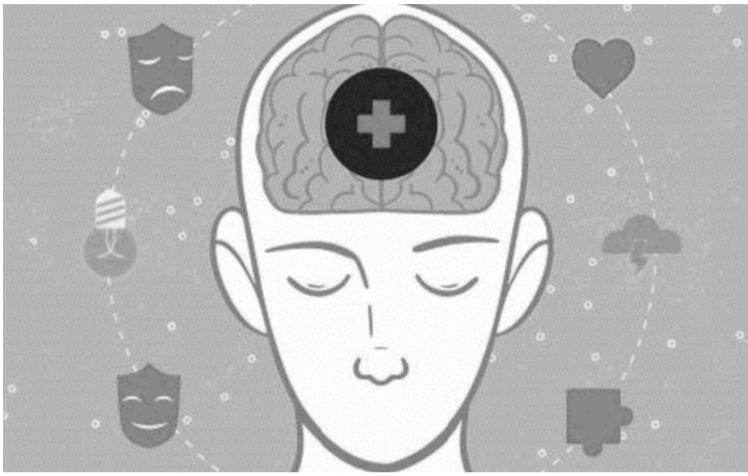


Foto: Reprodução

As adversidades encaradas na vida adulta podem mascarar um problema silencioso que tem chances de, sem tratamento, perdurar por muitos anos. Em meio aos conflitos da passagem da

infância para a adolescência dessa fase para a vida adulta, as preocupações são inúmeras, principalmente quanto à escolha da profissão e garantia de uma fonte de renda, além de ter que assumir

um papel de responsabilidade frente à sociedade. Essas questões acabam por mascarar transtornos psicológicos sérios que, por não serem logo identificados como os problemas físicos, muitas vezes não tem o tratamento levado a sério ou como prioridade.

Entre os transtornos psicológicos mais vivenciados pelos jovens estão a ansiedade, a depressão e transtornos alimentares, todos atribuídos às incertezas e às cobranças típicas dessa faixa etária. Vinícius Expedito, médico psiquiatra, frequentemente atende pacientes nessas condições. Para ele é muito

importante que se a pessoa sente que há errado em seu cotidiano, principalmente se não consegue identificar motivos lógicos ou reais para isso, deve procurar ajuda, seja por intermédio de familiares, amigos ou diretamente com um médico.

João Victor, estudante, conta que durante o Ensino Médio passou por momentos difíceis de isolamento por conta de depressão, sem que a família percebesse. Ele diz que sente que as questões psicológicas são muito pouco divulgadas, o que torna difícil a sua identificação e a decisão de se abrir com alguém. O importante é ter

a consciência de que não se está sozinho.

Outro passo importante é não colocar o preço de um possível tratamento do problema como limitação. Segundo Melina, psicóloga, muitas vezes uma consulta com um profissional, oferecida pelo sistema público de saúde e de preço mais acessível, é suficiente para indicar a necessidade ou não de tratamento psiquiátrico e o uso de remédios. Muitas vezes algumas sessões com o psicológico ou o simples fato de se abrir e se informar com um profissional ou uma pessoa de confiança já faz toda a diferença.

USO INDEVIDO DA AUTOMEDICAÇÃO PELAS PESSOAS

Leticia Passos

Dados de uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Hibou, especializada em monitoramento de mercado e consumo, mostram que mais de 90% da população brasileira se automedica sem considerar os possíveis perigos que podem surgir desse ato. Embora a prática seja comum, uma dose errada de uma medicação pode gerar problemas de saúde e interferir em no tratamento do paciente, como conta a médica Debora Carvalho Ferreira, que leciona na Universidade Federal de Viçosa (UFV).

- Os riscos de uma automedicação estão tanto em você poder usar o medicamento a mais do que deveria, quanto a menos. Quando a gente tem uma tosse, muitas vezes é uma defesa do organismo, então se as pessoas tomam um remédio pra acabar com aquele incômodo, pode piorar a situação. O sintoma tem que acontecer justamente por ele ser melhor para o nosso organismo. Medicamentos como antibióticos também não podem ser usados com frequência, pois as bactérias se tornam resistentes à eles e dificultam futuros tratamentos. - explica.

Se existem perigos, por que ato é banalizado? Uma das causas mais apontadas para a automedicação ter se tornado corriqueira é a demora nas filas de espera dos hospitais. Cândida Lopes, trabalha em farmácia e na sua experiência já se deparou com casos:

- Um dez pessoas por dia vem aqui tentar comprar o remédio sem receita. Eles vêm porque é difícil ter atendimento no hospital, demora muito. Aí a gente encaminha eles pro hospital. - confirma.

Gianini Scarlat (19), é estudante da UFV e também é adepta da automedicação:



Foto: Leticia Passos

MEDICAMENTOS SÃO VENDIDOS SEM NECESSIDADE DE RECEITA MÉDICA

- A faculdade não permite que a gente tenha tempo pra ficar doente. Então se eu sinto algum desconforto, já tomo logo um remédio.- desabafa.

A automedicação faz parte da cultura brasileira mas

não é indicada de forma alguma. Ao sentir qualquer sintoma, é preciso recorrer a um médico que saberá orientar o paciente da melhor forma e receitar os medicamentos certos para seu tratamento.

A NEGLIGÊNCIA DO SONO PROVOCA DISTÚRBIOS

Paloma Albuquerque

Com o alto fluxo de informações o mundo está cada vez mais acelerado e ninguém tem tempo para nada. Todos precisam de mais disponibilidade para tudo. Como já dizia um antigo ditado popular: a necessidade faz a lei.

Vivendo em um mundo que não nos dá margem para respirar ou sequer pensar, para ganhar um pouquinho de tempo no dia as pessoas estão criando o hábito de negligenciar o sono e dormir cada vez menos. Se por um lado isso bom tendo em vista o tempo que se está ganhando no dia, por outro é extremamente maléfico já que alguns distúrbios, como a insônia, podem ser desencadeados.

- Sempre tive uma carga de estudos muito grande no cursinho se eu gastasse

muito tempo dormindo eu não ia conseguir dar conta de tudo - comenta Gabriela Siqueira (21) que segue o raciocínio - Alguns dias a gente não conseguia fazer tudo e o professor perguntava o que fizemos da meia noite às 6 horas, e isso fazia a gente se sentir culpado por ter dormido". Essa é uma frase que poderia ser dita por qualquer estudante a partir do

Ensino Médio, a psicóloga Yasmim Souza Martins (23) diz que "essas medidas desesperadas são bem comuns na comunidade es-

tudantil, e algumas pessoas acreditam que o sono pode ser negligenciado, porque os prejuízos não surgem tão a curto prazo, mas eles começam a se intensificar progressivamente, chegan-



Foto: Reprodução

do até a provocar insônia". Sobre a pressão colocada pelos professores, muitas vezes de forma inocente, ela crítica - Afeta muito.

Enquanto psicoterapeuta clínica escuto muitas queixas em relação à dificuldade encontrada no meio acadêmico de estabelecer uma boa rotina de sono e descanso. Muitas pessoas

já tem uma grande tendência a se auto cobrar, perguntar o que o aluno faz da meia noite às 6 horas acaba intensificando esse comportamento ansioso e desgastante - explica.

Uma vez que a insônia tenha sido desencadeada, é muito difícil voltar ao estágio comum do sono, Ludy-

milla Souza (24) conta que foi diagnosticada com insônia após uma consulta com um neurologista e, conta também que ter esse distúrbio de sono "desencadeia um mau humor sinistro, rovoa falta de produtividade, apetite e sonolência. Enfim, afeta em tudo."

Influência na minha alimentação, influencia em tudo". Ao perceber certa dificuldade para dormir é importante procurar algum profissional da saúde para descobrir a verdadeira intensidade do problema que pode ser causado tanto por fatores psicológicos, que podem ser tratados com psicoterapia, quanto por fatores neurológicos, que irão precisar de um tratamento mais clínico com medicamentos.

UAI, CADÊ O RACIONAMENTO DE ÁGUA?

Renata Ramiro

Viçosa possui 78.286 habitantes, de acordo com o IBGE, e para abastecer toda essa população, o Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE, conta principalmente com o manancial São Bartolomeu. Ele tem suas águas levadas para as estações de tratamento nos bairros Silvestre (ETA I) e Viçosa (ETA II). Mas, devido a um fenômeno natural e outros fatores, nos anos de 2014 a 2017, a cidade teve que implantar um racionamento de água.

Segundo Henrique Freitas do SAAE esse ano não terá a crise, nem o racionamento de água, isso por causa da normalização no índice de chuvas, a aquisição de reservatórios e a ampliação ETA II. E, como medidas para que não tenha racionamento nos futuros períodos de pouca chuva, Henrique cita dois projetos que a SAAE planeja implantar: a junção da ETA I e ETA II, além da criação da ETA III, que ainda não tem um lugar definido.

O membro do laboratório Bioclima da UFV, Leonardo Prado, nos explica que esse período de seca, foi devido ao fenômeno natural chamado El Niño, que quando está ativo provoca a diminuição das chuvas. Mas, de acordo com os dados da Instituto Nacional de Meteorologia - INMET, não estava chovendo tão abaixo da média para gerar uma crise hídrica. Leonardo acredita que o real motivo foi o mau planejamento urbano de Viçosa.



Foto: Renata Ramiro

Ribeirão São Bartolomeu com suas margens repletas de lixo

No Brasil, é normal chover menos em determinadas épocas, por isso é essencial criar medidas para armazenar a água, tanto em represas, quanto no próprio rio, através do aumento da taxa de água no solo por meio de processos

de infiltração e absorção da chuva. Fora isso, ainda segundo Leandro, a prefeitura em conjunto com a população deve proteger o meio ambiente, para que fenômenos como o El Niño e o Aquecimento Global, não sejam agravados.

PERNILONGOS PODEM GERAR GRANDE IMPACTO AO ECOSISTEMA

Alexandre de Souza

Os pernilongos são insetos importantíssimos para o meio ambiente. Apesar de transmitirem várias doenças e produzirem um barulho considerado, no mínimo, irritante aos ouvidos humanos, é necessário entender seu papel no ecossistema. Lírio Júnior, doutorando em Entomologia, nos contou sobre o ato de dedetizar contra esses insetos, sua posição na cadeia alimentar e um pouco mais a respeito dos surtos de febre amarela e dengue, ocorridos em Viçosa no início de 2018.

Para início de conversa, é preciso entender que os mosquitos (não somente os pernilongos) se encontram na base da cadeia alimentar. Eles servem de alimento para predadores como sapos, lagartixas e até mesmo morcegos. São essenciais para manter o equilíbrio ecológico, podendo resultar em grandes falhas nesse ciclo, quando dedetizações em larga escala são feitas. Mas, por outro lado, é preciso uma atenção especial para o número de pernilongos não sair do controle. Em janeiro de 2018, Viçosa declarou uma situação de emergência devido a um

surto de febre amarela e um eminente de dengue.

— Em geral, a febre amarela ocorre em MG devido ao contato de humanos com insetos vetores em regiões de mata. No entanto, existem outros fatores envolvidos que podem contribuir para disseminação da doença, por exemplo a redução de áreas naturais por desmatamento e de hospedeiros primários, como os macacos. Isso irá possibilitar que os mosquitos silvestres migrem para outros ambientes — explica o doutorando.

O entrevistado conta que “uma dedetização inade-

quada ou não realizada, pode ocasionar uma explosão populacional de mosquitos vetores.” Agora, a pergunta que não quer se calar: E aquele barulho tão “característico”?

De acordo com Lírio, o barulho incessante que os pernilongos produzem

é “devido ao frenético bater das asas.” Porém, como no caso das cigarras que cantam para atrair um parceiro sexual, “esse som aparentemente não tem função biológica reconhecida”. Talvez sirva para “torrar nossa paciência”.

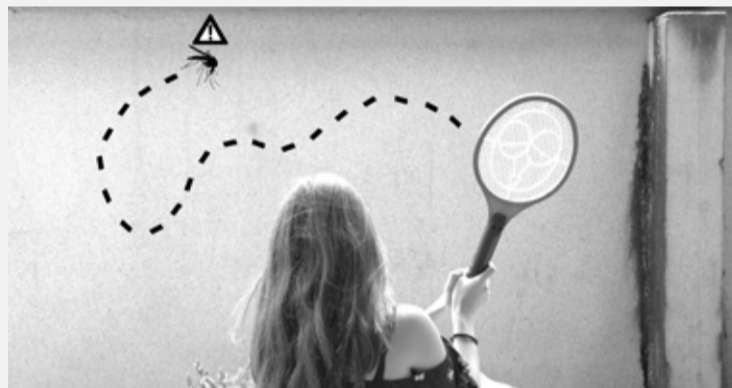


Foto: Alexandre de Souza

Ocorrência de surtos em Viçosa é preocupante

DIREITOS DOS CATADORES SÃO TEMA DE DEBATE NA CÂMARA

Thiago Fernandes

Em Viçosa, o debate sobre a contratação efetiva dos catadores de lixo, em especial a Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Viçosa (ACAT) e a Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem e Reciclagem (ACAMA-

RE), adquiriu frequência, no ano passado, devido a impontualidade do órgão responsável pela contratação e aos problemas das coletas na região, as quais têm decaído, cada vez mais, com a sua regularidade.

A preocupação na ci-

dade, tanto em prol do meio ambiente quanto pelos direitos desses trabalhadores, chegou antes mesmo da Política Nacional de Resíduos Sólidos elaborada em 2010.

O projeto de extensão InterAção, por exemplo, criado pela professora da UFV, Nádia Dutra, começou a realizar medidas sociais que visavam a coleta seletiva na cidade. Em 2018, as pautas do projeto voltaram-se fortemente para a contratação das associações de catadores, tendo em vista que a empresa responsável pela coleta, o Serviço Autônomo de Água e Esgoto, SAAE,

estava com irregularidade nas coletas e sem cumprir todas as rotas programadas para a atividade. Isso tem causado muito descontentamento aos cidadãos viçosenses.

Além do mais, após muito debate, foi realizada a contratação dos catadores pela SAAE em outubro de 2018. Entretanto, mais problemas surgiram. Passou um mês e a entrega dos materiais de segurança, das vestimentas oficiais e dos caminhões de coleta não tinham sido cumpridas e o treinamento obrigatório que os catadores tinham que realizar ainda não fora proporcionado. No fó-

rum municipal de cidadania, instalado por Nádia, no qual se fazem presentes muitos representantes sociais, a SAAE faltou a reunião que debateu o acompanhamento da contratação.

- A política nacional prevê isso, mas a esfera pública entende que é uma gratificação... isso não é gratificação. É um direito. O qual não cederemos - indaga Nádia.

Gilberto, chefe da seção de Resíduos do SAAE, alegou que as atividades dos catadores fora atrasada devido à demora da entrega dos Equipamentos de Proteção Individual.



Foto: Thiago Fernandes

Depósito de reciclagem da ACAT enfrenta problemas

JOGOS ESCOLARES VIÇOSENSES ESTIMULAM PRÁTICA DE ESPORTES

Jéssica Silva

Os Jogos Escolares Viçosenses deste ano marcaram a reinauguração do Ginásio Poliesportivo da cidade. Aproximadamente 1200 atletas participaram de 148 jogos, em modalidades como basquete, futsal, handebol e voleibol. A competição foi realizada nos meses de setembro e outubro deste ano. Segundo os organizadores, o ambiente escolar esportivo e saudável proporciona bons resultados na formação de cidadãos e aproxima os estudantes de diversas idades e de escolas particulares e públicas da cidade já ocorre há 46 anos.

Em suas primeiras edições, a rivalidade entre os estudantes era visível, surgindo desacatos e agressões físicas. Com o passar dos anos isso foi amenizando e a amizade entre as equipes ficou cada vez mais evidente. Profes-

sos se tornaram muito amigos e alunos acabaram por construir amizades em escolhinhas de futsal e/ou outras modalidades esportivas.

Quando a competitividade entre as escolas, é notável a predominância das particulares nos primeiros lugares, uma vez que elas possuem as melhores estruturas, a fim de que possam dedicar alunos e professores a prática e treinamento.

— A realidade das escolas públicas é buscar compreender os considerados gigantes da cidade. Os times se mantêm graças ao amor e dedicação dos treinadores e dos alunos que acreditam que podem obter bons resultados. — esclarece Arthur Marques, treinador dos colégios Eflie Rolfs e Santa Rita.

Na final do futsal feminino, tivemos a presen-

ça do Esedrat (pública) e Equipe (particular). Em um jogo muito disputado e com a presença ativa da torcida, principalmente do Esedrat com alunos, familiares e professores, o Equipe conquistou a vitória.

— Nenhum jogo a gente ganha se o time não for unido e não tiver uma conexão. Um time conectado é muito melhor para jogar. — reforça Laís Bernardi, goleira da escola vencedora, quando questionada sobre como a equipe se preparou para o JEV's. Para as atletas do Esedrat, chegar à final já é a realização de um sonho para a equipe que treinou arduamente.

— A gente achou que não ia ganhar do Anglo e conseguimos. — relembra Bruno Lino, atleta do Esedrat, sobre a semifinal, um dos seus melhores momentos no campeonato.



Atletas do Esedrat e Equipe trocam de medalhas no futsal feminino.

Foto: Jéssica Silva

CAMPEONATO RURAL COMPLETA 25 ANOS

Emanuel Vargas



Equipe do Piúna é uma das mais tradicionais do torneio.

Foto: Walmir Pança

Recheado de tradição, história e muita competição, o Campeonato Rural de Futebol de Viçosa começou em 1993 sob o comando de Sebastião Rodrigues, mais conhecido como Tatão, um dos produtores rurais do Arruda e dono do campo da comunidade.

Por dois anos o Ruralzão, como é popularmente conhecido, seguiu apenas com apoio dos participantes e dos comerciantes. A partir de 1995, a prefeitura municipal passou a organizar a competição, o que acontece até hoje.

A função da prefeitura é planejar o torneio desde a parte técnica até a logística e segurança. Segundo o coordenador-geral do Ruralzão, Walmir Gonçalves, mais conhecido como Pança, o campeonato, hoje, é mais que uma simples competição.

— A maior importância do Ruralzão atualmente é a integração das comunidades rurais. Os atletas têm uma vida corrida e de muito trabalho, e acabam vendendo o torneio como uma forma de conversar e

trocar informações — disse.

Hoje o campeonato conta com nove equipes competindo pelo título. Em seu auge, o número de equipes era mais que o dobro, 20. Essa queda é explicada pela migração de jovens do meio rural para a área urbana, o que causou mudanças no regulamento da competição. A partir de 1997, algumas regras de inscrição passaram a ser exigidas. Os atletas precisam ser de Viçosa e ter algum vínculo com a produção rural. As únicas exceções são os goleiros e dois jogadores, cujo requisito é ser morador de Viçosa.

Como todo bom campeonato de várzea, o Ruralzão não deixa de ter boas histórias, como conta Pança.

— Um atleta da equipe do Piúna caiu com câimbras, e eu comentei com um senhor do Arruda que “colocar um metal perto das pernas” ajuda. O senhor tirou um canivete no bolso e foi correndo na direção do atleta caído. O atleta levantou rapidinho e saiu correndo assustado — finalizou.

ESPORTE ADAPTADO ALMEJA INCLUSÃO SOCIAL E BEM-ESTAR

Brenda Scota



Foto: Brenda Scota

O Projeto Vencer é uma das parcerias desenvolvidas pela APAE para conseguir atender mais alunos

No Brasil mais de 45 milhões de pessoas possuem algum tipo de deficiência, por isso não é difícil entender porque surgiu o esporte adaptado. Entretanto, ele só começou a se tornar comum depois da participação do Brasil nos Jogos Paraolímpicos de 1972, que trouxe mais reconhecimento e investimentos nessa área. Desde então, mais pessoas estão tendo a oportunidade e curiosidade de participarem dessas modalidades esportivas.

Hoje, o esporte adaptado é utilizado para a inclusão social, reabilitação e bem-estar. Em Viçosa, a APAE fornece a educação física adaptada para mais de 100 alunos, desde crianças até jovens e adultos. Há também o Projeto Vencer, feito numa parceria entre a APAE e a Prefeitura de Viçosa.

Para Maria da Conceição, coordenadora pedagógica da escola de educação especial da APAE, a atividade é essencial para todos.

— Em todas as fases da vida você precisa de fazer atividade física, não pode parar nunca. É manutenção, é bem-estar e é uma forma de cuidar da saúde. E para essas pessoas que possuem mais limitações, o esporte é a oportunidade de aprendizado e interação social. Praticar atividade física também os ajuda a desenvolverem melhor o corpo e superarem suas limitações — explicou.

Já Poliana Ferreira, professora de Educação Física Especial, o esporte é uma forma de mostrar as competências e potencialidades que eles possuem e é uma aula que todos participam animados.

— É uma válvula de escape e um momento que eles

possuem autonomia, que se mexem, que pensam. Eles aprendem a ganhar e perder, o que é muito importante e os ajuda a se construírem e conviverem com outras pessoas, porque infelizmente na maioria das vezes eles acabam crescendo afastados das vivências — declarou.

Mas, mesmo com os apoios e parcerias que conseguem pela cidade, a falta de estrutura faz com que tenham que improvisar para adaptar o esporte.

— A aula acontece num lugar improvisado porque não temos espaço. A quadra que a gente tinha virou um estacionamento. Muitas vezes preciso pedir material emprestado para outros professores ou eu mesmo improvise e adapto em casa para poder trazer para os alunos modalidades esportivas diferentes — encerrou Poliana.

ATLÉTICAS UNIVERSITÁRIAS É ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA

Renan Estanislau



Foto: Renan Estanislau

Atlética da Humanas na abertura do V InterAtleticas da Universidade Federal de Viçosa

Entidades universitárias como os Centros Acadêmicos (CA) e os Diretórios Centrais dos Estudantes (DCE) são bem conhecidas nas Universidades por serem responsáveis pelas questões políticas entre os alunos, mas pouco se sabe sobre as Associações

que cuidam do lado esportivo e descontraído dos estudantes.

As Atléticas são associações criadas pelos próprios alunos que promovem, acima de tudo, a integração estudantil. Atualmente, a principal função de uma Atlética é possibilitar a vida espor-

tiva na faculdade, mas além disso, elas também realizam festas, recepções de calouros e até ações solidárias.

Daniel Pizzol Ambrosim, diretor financeiro da Atlética das Humanas, que representa os cursos do Centro de Ciências Humanas da Uni-

versidade Federal de Viçosa (UFV), contou como foi pra ele a experiência em ser um dos fundadores da AAAH.

— No início confesso que todos nós fundadores ficamos bem apreensivos, não sabíamos se a ideia iria dar certo e ficamos bem inseguros, mas assim que lançamos, a atlética foi bem recebida por todos e um sucesso. Hoje tenho a sensação de dever cumprido e muita gratidão em saber que demos início a um movimento que tem mudado a vida das pessoas — conta ele.

Para que tudo funcione e os eventos aconteçam, os alunos que fazem parte da Diretoria Executiva se dividem como se fossem uma empresa. Deve sempre existir um Diretor Presidente, Diretor de Finanças,

Diretor de Marketing e assim por diante. O ex-presidente da AAAH, Yaghor dos Santos Silva, contou como foi para ele organizar um campeonato externo em Juiz de Fora.

— O campeonato veio como uma luz no fim do túnel, no começo muitas pessoas criticaram e no fim viram que deu muito certo, está sendo muito gratificante e estou feliz com o resultado — explica.

Yaghor, assim como os demais envolvidos no processo pensam que a melhor parte, é que além da integração com alunos de outros cursos e o conhecimento esportivo, os estudantes podem se preparar para o mercado de trabalho com a experiência adquirida.

ÍDOLOS BRASILEIROS DE E-SPORTS INFLUENCIAM O CENÁRIO DA MODALIDADE

Renoir Oliveira

Nomes que para muitos podem ser comuns como, Gabriel Toledo, Marcelo David, Felipe Gonçalves, mas para quem acompanha o E-sports, eles têm um peso enorme no referido cenário. Ambos são profissionais de destaque e precursores do esporte no Brasil.

Desses jogadores, um dos mais bem sucedidos é Gabriel “FalleN” Toledo, jogador profissional de CS:GO e outros jogos de FPS (Tiro em Primeira Pessoa), que, com 27 anos de idade, ganhou vários campeonatos e já arrecadou mais de 850

mil dólares em premiações, de acordo com o site esportsearnings.com. Esse dinheiro todo, convertido aproxima-se dos 3 milhões de reais. Segundo a revista Forbes, FalleN é considerado uma das personalidades mais influentes dos games com menos de 30 anos e também é dono da Organização Brasileira de Esports Games Academy, uma empresa formadora de jogadores profissionais.

Outro profissional de CS:GO e Marcelo “Colzera” David, considerado um dos destaques

da história do jogo. No Major League Gaming Columbus 2016, uma das competições de grande destaque da modalidade. Ganhou o campeonato e o prêmio de MVP (Most Valuable Player, ou Jogador Mais Valioso), sendo o primeiro brasileiro a conseguir o feito.

Mais um brasileiro que faz sucesso no E-sports, é Felipe “BrTT” Gonçalves, de 27 anos, jogador profissional de League of Legends (LOL). Como os outros nomes, ele tem grande influência e é reconhecido como referência a jogadores profissionais e amadores brasileiros. Um de seus fãs, Ricardo “Coala” de Souza, de 16 anos, jogador do time amador Negation Team de adcarry - uma posição do jogo - e que participa de campeonatos na região:

- Meu ídolo é o BrTT, desde que comecei a jogar de adcarry eu vejo vídeos dele, ele jogando, e nas streams ele me passa muitas informações que vai me deixando

melhor no jogo. - explica. E esses são só alguns dos nomes, dos inúmeros profissionais que representam o Brasil no e-sports, que motivam e estimulam o ambiente para as novas gerações.



Ricardo Coala de Souza, jogador do time amador Negation Team



Gabriel FalleN Toledo, jogador profissional de CS:GO

Foto: Reprodução

JOGOS ELETRÔNICOS COMO PRÁTICA ESPORTIVA E ESCOLAR

GABRIEL MÁXIMO

Você sabe o que são os E-Sports? Esse é o nome dado a competições esportivas feitas com o uso de jogos eletrônicos, que já se transformou em um mercado bilionário e atrai cada vez mais público aos eventos relacionados ao tema. Com o surgimento desse fenômeno mundial, tem sido comum discussões entre os profissionais de Educação Física em relação a considerar essa prática como modalidade esportiva.

- Percebo que há essa manifestação muito grande, um crescimento de praticantes, e isso tem atraído, por exemplo, a atenção da mídia, que já transmite eventos dessa natureza. Portanto, temos que reconhecer que isso tem destaque dentro do nosso contexto, mas não entendo como sendo um esporte, e sim como uma atividade de lazer. - disse o professor e chefe do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa, Paulo Lobato.



Foto: Marina Gouveia

Formação e escolha política dos alunos devem ser obrigatoriamente livres e pessoais

Apesar de grande parte da comunidade esportiva ter se posicionado contra, o Comitê Olímpico Internacional (COI)

declarou em outubro de 2017 que “os e-sports podem ser considerados uma atividade esportiva, e os jogadores en-

volvidos se preparam e treinam com uma intensidade que pode ser comparável a atletas de esportes tradicionais”. Isso

é um importante passo para o reconhecimento dessa prática, que inclusive pode ser inserida no ensino escolar.

Você já pensou se na sua escola, jogar e-sports fizesse parte da sua aprendizagem? Seria muito legal, não é mesmo? É o que está acontecendo em algumas instituições dos Estados Unidos. A Federação Nacional de Escolas Secundárias Estaduais (NFHS em inglês) incluiu os jogos eletrônicos esportivos no currículo do Ensino Médio, com a intenção de desenvolver hábitos de práticas esportivas, como a competitividade e o trabalho em equipe, além de ser uma forma de afastar os jovens da criminalidade.

O professor Lobato encerra afirmando: “Iniciativas semelhantes podem ser adotadas no Brasil, mas ainda é necessário um investimento maior na educação e em tecnologias que permitam que isso aconteça.”

VALOR AGREGADO AO CENÁRIO DE E-SPORTS

Suellen Gonçalves

Especulações financeiras positivas sobre o mercado e jogos eletrônicos tem atraído investimentos e patrocinadores para a modalidade. As premiações também atraem muitas equipes e jogadores para competirem nas classes profissionais. Segundo o site brasileiro eSPORTSproBR, que é especializado na categoria, o jogo Dota 2 mantém a maior premiação nos últimos quatro anos, alcançando quase 38 milhões de dólares em 2017.

Tais competições incentivam um grande giro de capital, seja pela compra de jogos, pelos direitos de transmissões dos campeonatos ou pela aquisição de consoles e equipamentos para jogar. O uso de periféricos gamers aumentam a produtividade do jogador por proporcionarem respostas mais rápidas do que os tradicionais.

Percebendo essa emergência, os fabricantes de eletrônicos trazem produtos cada vez mais potentes para o mercado. Entretanto, essa demanda - aliada a exigência de qualidade - eleva muito os preços dos equipamentos.

Vinicius Baldino (20), joga há 10 anos em console e a quatro no computador conta:

- A indústria de periféricos é bem abrangente e o preço dos produtos de qualidade profissional é bem elevado, o que faz com que eu procure os produtos mais baratos para ter uma experiência agradável e em conta. - Explica ele.

Seguindo a mesma proposta de tornar-se melhor no jogo, já existem empresas que oferecem coaching para jogadores. Em Viçosa a startup Eloclub quer oferecer orientação

em tempo real durante as partidas, além de aporte teórico de um jogador que possui boa colocação no ranking. Eliazaro, um dos idealizadores do projeto diz que ao desenvolverem as habilidades de jogo e subirem na fila ranqueada, os participantes têm mais chances de serem notados por equipes profissionais. A iniciativa também conta com um psicólogo especializado em esportes, que acompanha o aluno para ajudar no controle emocional durante as partidas.

Mesmo sofrendo o questionamento sobre ser ou não modalidade esportiva, os jogos eletrônicos seguem crescendo e ganhando mercado pelo mundo. Mas, independente do ser-ou-não-ser é fato que tem dado certo jogadores e espectadores.

COMPETIÇÕES DE E-SPORTS O ESPETÁCULO QUE ATRAI MILHÕES

Beatriz Valente



Reprodução: Pshere

O que antes era apenas coisa de criança hoje se tornou profissão dos que cresceram jogando. A primeira competição esportiva de jogos eletrônicos ocorreu em outubro de 1972. Os gêneros mais comuns hoje de Esportes Eletrônicos (conhecido como eSports) são: “tiro em primeira pessoa”, “luta”, “Multiplayer online battle arena (MOBA)”, “estratégia em tempo real” e “esportes”. Os jogos mais populares em competições são: League of Legends, Dota 2, StarCraft II e Counter-Strike: Global Offensive.

O crescimento do esporte nas últimas décadas é notável, passando de dez torneios no ano de 2000 a 160 torneios em 2010, sendo o World Cyber Games e a Major League Gaming (MLG) os principais. O World Cyber Games, patro-

cinado pela Samsung e pela Microsoft, segue um padrão usado nos Jogos Olímpicos com abertura do evento e medalhas de ouro, prata e bronze. É considerado, desde 2011, o maior campeonato de eSports do mundo, com foco em jogos de computador e Xbox. O Major League Gaming é uma organização situada em Nova York totalmente voltada para jogos eletrônicos. Certas edições do MLG já tiveram mais espectadores ao vivo que algumas das maiores partidas de NBA.

Competições mais específicas por jogo também atraem um público fiel. O Campeonato Mundial de League of Legends teve sua primeira edição em 2011 e hoje soma mais de 43 milhões de espectadores. No Brasil existe o Campeonato Brasileiro de League of Le-

gends (CBLoL) que, além de definir a melhor equipe em cenário nacional, dá a oportunidade para esses jogadores disputarem etapas qualificatórias do mundial. Há também eventos anuais como Brasil Game Show, Game XP e o Comic Com Experience, com competições abertas e convidados internacionais.

Em Viçosa ocorreu, no dia 30 de setembro, a primeira edição do Viçosa Comic Com. Pedro Souza, um dos organizadores do evento confirma que existe planos de continuar com ele anualmente.

- “A ideia era mostrar a expressividade e o tamanho do mercado de cultura pop e jogos na cidade e região. Já sabíamos que havia público [de jogadores], mas dessa vez mostramos que há também mercado.”



Reprodução: Pshere